



O papel do Estado no desenvolvimento econômico



Deus: um bom divisor para o Rébito



Mercantilismo, visão histórica

ECONOMICUS

Órgão Oficial
do Diretório Acadêmico
da Faculdade Nacional de Ciências Econômicas
da Universidade do Brasil

Diretor — Redator — Chefe	— Antonio Barros de Castro
Redação	{ — José Ferreira Lopes — Jayme Lopes do Couto — Luiz Fernando Cruz Marcondes
Reportagem	— Sergio Balbuena
Publicidade	{ — Jacques Algranti — Raul Moraes Pereira
Tesoureiro	— Ronualdo do Valle Simões
Distribuidor	— Luiz Fernando Cruz Marcondes

Diretório Acadêmico
da Faculdade Nacional de Ciências Econômicas
da Universidade do Brasil

Presidente	— Roberto Barros Rocha Corrêa
Vice-Presidente	— Aurélio Teixeira
Secretário-Geral	— Antonio José Carvalho do Nascimento
1º Secretário	— Álvaro Figueiredo
2º Secretário	— Miguel Augusto Pellegrini
1º Tesoureiro	— Edgard Braga Filho
2º Tesoureiro	— Carlos Alberto Almeida Neto

Sumário

	Pág	Pág
Diretorio Acadêmico	1	Ministro de Rodrigues Alves... .. 14
O papel do Estado no desenvolvimento 2		A Associação Atletica 16-17
Burocracia Versus Exportação	3	Deus um bom Divisor... .. 19
O Nosso Sindicato	4	Da Nova Justiça 21
Mercantilismo 7		A Platina.. 23
A FNCE em tres tempos.. 8		Banco Depositos 26
Departamentos de apostilas e livros .. . 9		Dos quatro cantos do mundo.. . . . 28
Justiça a Bocage.. 10		O Dirçito de Greve.. 29
O Boca do Inferno.. 11		A Congregaçào, e nossoss pesames.. . 31

JUSTIÇA A BOCAGE

Antonio Barros de Castro

A história, o passar dos anos, age diferentemente sobre a memória e a figura de personagens de outra épocas. Assim foi, que o correr dos tempos veio reabilitar o gênio imperecível de Galileu Galillei, deturpar o nome de Epicuro, situar com justiça a ação de Mirabeau, e enfim, trazer luz e conhecimento ao comportamento de tantas personalidades luminaras, a cujo desfile a humanidade extasiada assistiu.

Um poeta existe que o desenrolar dos anos teima em desfigurar, em amesquinhar: êste é Bocage.

O sentido vulgar da obra imorredoura, com que Bocage enriqueceu as letras portuguesas, é por demais conhecido. A simples ocorrência de seu nome numa conversa, é suficiente para que sorrisos assomem aos lábios dos presentes, e espíritos se agucem na antevisão de um repertório anedótico.

Sim, a linha mestra do caráter de Bocage foi a sátira, a crítica mordaz, porém, não ditos de baixo calão. Sua obra é toda ela lavrada no mais puro linguajar, prenhe de um sentido profundamente humano. As diatribes por êle lançadas aos nobres caracterizam, mas não resumem sua volumosa obra, na qual ainda se encontram belíssimos sonetos.

A origem da desfiguração da obra de Bocage, está em sua própria vida. Sua inconstância e seu espírito independente vedaram-lhe os caminhos da glória, aliás, por êle desprezada. A difamação do poeta, iniciou-se mesmo durante seus curtos anos de vida, por iniciativa dos nobres, que muito o temiam e queriam dêle afastar, através da inspiração de terror à sua pessoa, a gente humilde de Lisboa que tanto o admirava.

Bocage foi, sem dúvida o maior repentista da língua portuguesa: versejar era quase seu modo usual de expressão: discutia em versos, criticava em versos. Sua inexcusável facilidade para rimar, em pleno domínio da métrica, valia-lhe a simpatia de uns poucos amigos e do povo em geral. O povo, principalmente, amava o poeta, e êste integrava-se perfeitamente em seu seio, apesar de descender de família de certa importância. Seus improvisos corriam de boca em boca, permanecendo na memória dos admiradores, e chegando mesmo alguns até nós.

Conta-se, por exemplo, que deixando uma vez uma taverna, "Do Nicola", foi surpreendido por um polícia noturno, que, aproximando-se de pistola em punho, perguntou-lhe. Quem és? De onde vens?

A resposta foi imediata:

"Eu sou Bocage

Venho do Nicola

Vou p'ro outro mundo

Se dispara a pistola."

Sendo encontrado uma vez, abortido e pensativo, pelo poeta Tolentino, foi interpelado:

"Elmano; a lira divina

Porque razão emudece?"

Ao que responde Bocage, o Elmano da Nova Arcádia:

"Porque mais cala no mundo

Quem mais do mundo conhece."

E tornando de pronto Nicolau Tolentino:

"Que tens achado no mundo

Que mais assombro te faça?"

Sem esitar replica Bocage:

"Um poeta com ventura

Um toleirão com desgraça."

E assim decorre a vida de Bocage, entre a miséria, o povo, a poesia e as sátiras, até que aos quarenta anos, com a saúde minada pela vida licenciosa, inicia uma alongada agonia. A saúde esvaiu-se; porém a genialidade o acompanha até ao derradeiro momento e, morrendo, dita êsses imortais versos:

"Já Bocage não sou!... A cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento.
Leve me torne sempre à terra dura.

Conheço agora já quão vã figurá
Em proza e verso fêz meu louco intento:
Musa!.. Tivera algum merecimento,
Se um raio da razão seguisse pura.
Eu me arrependo a língua quasi fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:
Outro Aretino fui... a Santidade
Manchei! Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade."

Terrível fatalidade, que êste talento inexcusável, dos maiores que cultuaram a nossa língua, tenha seu nome coberto pela mais triste das reputações.

Justiça seja feita a Bocage!